

ASSIGNATURA	
Braga, anno.....	960
Semestre.....	480
Provincias.....	15200
Semestre.....	600
Brazil (moeda forte).....	25400
Avulso.....	20

PROPRIETARIO

ANTONIO JOSÉ DOS SANTOS

O COMBATE

SEMENARIO INDEPENDENTE

REDACTOR — EDUARDO MENEZES

Anuncios por linha..... 40
Comunicados p'cos convencionaes.
Os srs. assignantes tem 25 p. c.

Manuscriptos enviados á redacção
sejam ou não publicados não se devolvem.

Redacção e administração Campo de
Sant'Anna, 36

ADMINISTRADOR

ANTONIO JOSÉ DOS SANTOS

O DIA DE DOMINGO

Realisou-se, no domingo passado, 17 do corrente, o vergonhoso simulacro das eleições geraes de deputados. Venceu, como era de esperar, o governo do sr. D. Carlos, appellidado o ultimo rei de Portugal, segundo o que por ahi se ouve, mas que nós não acreditamos. Não.

Venceu pois o governo em todo o paiz, sem opposição, sem ninguem que, á ultima hora, lhe fizesse sombra. Venceu, e já sabia que vencia, o que tinha escolhido a um e um.

Se abrimos os olhos ao passado, se pensarmos um pouco no que foram e são agora as eleições, duvida alguma pomos em dizer, que esse grande triumpho não constituiu nada mais e nada menos do que uma derrota vergonhosa, um attentado inaudito contra a Carta Constitucional, se por ventura ella existe.

Pois quê! O povo portuguez estará contente e satisfeito com os actos do governo?

Applaudirá, por ventura, a politica mesquinha e reles que elle tem seguido?

Consentirá que elle continue na sua marcha de desatinos, na sua carreira de tresloucados desvarios?

Não crêmos! por isso que ninguem crê n'isso.

O povo portuguez ainda ha de demonstrar clara e evidentemente o que foi, o que é, e o que póde vir a ser um dia. Lamentaremos que se faça isso em desespero.

Não queremos de forma alguma fazer um confronto entre a ultima eleição de deputados, circulo por circulo, concelho por concelho, freguezia por freguezia; porque d'isso nos impede o recenseamento eleitoral, visto ser alterado em toda a parte, consoante as ordens governamentaes, e por não querermos gastar cêra com tão ruim defuncto; mas, ainda assim, seja-nos licito dizer que as ultimas eleições de deputados—se este nome lhe póde ser dado—foi uma derrota vergonhosa, monumental.

Pode o governo, se quizer, fingir que não liga significação ou importancia ao que se passou no domingo; póde, se isso lhe convier, conservar-se *per omnia saecula saeculorum* nas cadeiras do poder. Mas, o que ninguem é capaz de contestar, é que na opinião publica, o governo portuguez, em face d'esse ultimo simulacro de eleição, verdadeiro attentado ás garantias constitucionaes, está prestes a exhalar o ultimo alento de vida.

Isto prova-se á evidencia. Demonstra-se á luz da mais intemerata lealdade. A verdade não é mentira.

E se quizessemos por um instante dar uma prova frisante para comprovar a veracidade do que di-

zemos, basta saber-se que, na cidade, o numero de votos é de 2:219 e apenas entraram nas urnas, 713!

E n'este limitadissimo numero, numero esse que envergonha aquelles que perfilham as ideias do nosso governo, entraram empregados publicos, militares e policia civil, que se apresentou debaixo de fórma e de lista em punho, para mostrar aos progressistas qual é mais excellente—se ser do mundo rei se servidores de tal gente!

Condoia o coração vêr os policias que estavam de guarda á cadeia civil, aos tres a tres, rostos pallidos, cadavericos, a tiritar de frio, irem sem consciencia, dar o seu *volinho*, forçados é verdade, aquelles que não os respeitam e que apenas lhes dão os mingoados 360 reis, e esses, sabe Deus, com que custo!

Triste paiz o nosso! E o rei, o sr. D. Carlos, o primeiro d'este nome, a viajar pelo estrangeiro, a sofrer desconsiderações, segundo a opinião auctorizada de seu irmão D. Affonso, e a trazer, oh! vergonha das vergonhas! cabeças de... viados para o seu paiz!

A que ponto chegamos!

O rei lá fóra a caçar viados, a trazer-nos as cabeças dos mesmos, e cá dentro, o seu governo, a caçar votos, a dar-nos deputados como um «Cartista», um «Caldo d'Unto» e um «Casadinho»!

Triste paiz o nosso!

EPHEMERIDES BRACARENSES

Novembro

- Dia 13—1865—Peregrinação de penitencia á Falperra por causa da cholera.
- Dia 14—1869—Um soldado de infantaria 8 espanca outro, matando-o.
- Dia 15—1857—Celebra a sua primeira missa na Conceição o Padre Manoel José Cordeiro.
- Dia 16—1739—São trasladados para os Congregados os restos mortaes do virtuoso Padre José do Valle, da congregação do oratorio, de que foi um dos fundadores.
- Dia 17—1836—Decreto creando o Lyceu de Braga.
- Dia 18—1876—Exequias no hospital por D. Miguel de Bragança.

Portugal e Italia

A VIAGEM DE D. CARLOS A ROMA

Está ainda na memoria de todos o grande acontecimento que deu causa a muitas exalações putridas, sahidas das cavernas onde se acoitava odio e o rancor á nossa patria gloriosa como poucas.

Vomitou-se lá de fóra insultos e doestos, uns trasandando a *macaroni*, outros a chocolate e sardinhas de Nantes; vomitou-se cá dentro uma chuva de improperios contra meia duzia de homens, que

embora não lhe possamos lançar a absolvição, no entanto não participaram nem de longe, nos desastres que a jacobinagem de todos os matizes apresentou com a lente da deslealdade, aos olhos do povo portuguez.

O que foi essa tão batida questão da visita real a Roma?

O que vale? Porque se malogrrou?

Os leitores vão-o saber, e para isso serei um pouco longo mas o mais explicito possivel, na medida das minhas forças.

Em 7 de Outubro li eu no jornal hespanhol «El Movimento Catholico», um telegramma datado de 5 do mesmo mez, dizendo pouco mais ou menos o seguinte:

Roma 5.

Segundo uma nota da Agencia Stefani, o rei de Portugal será recebido em Monza pelo rei Humberto depois de ter ido a Roma visitar o Papa Leão XIII.

O gripho é meu.

Como se explica isso? Segundo se sabe por vias dignas de credito, quando o nosso governo fez saber ao da Italia o desejo do nosso monarcha ir visitar seu tio, escreveu a rainha sr.ª D. Maria Pia a seu irmão, o rei da Italia, pedindo-lhe que recebesse D. Carlos em

Monza, depois de ter ido a Roma, por causa de não haver impedimentos nem questões da parte da Santa Sé.

O rei Humberto acquiesceu de prompto, e n'essa conformidade foi dada noticia á Agencia telegrafica Stefania, que se apressou em transmittil-a para o estrangeiro.

D'ahi a dias, porém, e quando el-rei estava já em Paris, o rei Humberto declara que não o podia receber depois de visitar o Papa. Já havia n'isto tramoiias do Crispi, que não queria perder o ensejo de dar um golpe no Papado.

O chefe da Egreja, porém, querendo transigrir alguma coisa, não fez questão de preferencia e portanto tudo se harmonisou.

Reune-se a monarquia italiana e resolve empregar todos os meios para dar um cheque no Pontificado Romano fosse de que fórma fosse. De que se haviam de lembrar os adoradores do diabo? De resolver o pobre do rei Humberto, que n'esta occasião representou uma triste figura, e mostrou que era nada mais e nada menos do que um instrumento nas mãos da maçonaria, a declarar ao sobrinho, el-rei D. Carlos que—ou em Roma em parte alguma o receberia.

Vejam portanto os leitores o que aconteceu até este ponto da questão que não é tudo.

D. Carlos viu-se na necessidade de consultar como outro qualquer a opinião do governo e de outras personalidades. Todos o aconselharam a desistir da viagem e a responder com uma recusa aos tramias dos maçons e politicos de *pé fresco* que a maldita seita luciferina collocou á frente dos negocios da Italia.

E S. M. assim fez e o governo ficou collocado n'um campo que muito o honrou.

Vieram depois as represalias e os desprezos e o nosso ministro dos estrangeiros, sr. Luiz Soveral, respondeu energicamente ao encarregado de negocios da Italia, dizendo-lhe que acima de todas as conveniencias politicas dos falsarios e negregados membros do governo italiano estavam as tradições do paiz, que foi sempre um dilecto filho da Egreja Catholica.

O conde de Cariati, diplomata acreditado na Côte portugueza, sentiu-se offendido, mas viu-se na necessidade de metter a viola no sacco e limitar-se a expressar a sua dôr por ter de suspender relações com Portugal limitando-se ás questões pendentes.

E assim está a questão. El-rei regressou já do estrangeiro, foi muito bem recebido nos paizes que visitou, a Santa Sé ficou satisfeita com o governo portuguez e

os italianos, soffreram mais um de-
sastre na sua politica depravada
que tem levado aquella bella na-
ção á decadência e á ruina em que
se encontra.

Terminado o incidente li n'um
jornal estrangeiro que houve já um
soberano catholico que visitou o
Papa depois da tomada de Roma.
É effectivamente verdade. Foi o
sr. D. Pedro II, fallecido impera-
dor do Brazil.

O illustre monarcha quando veio
á Europa em 1870 percorreu a
Italia. Victor Manoel quiz obse-
quial-o e chegou até a offerecer-
lhe hospedagem no palacio.

O Imperador do Brazil recusou-
se a tudo e viajou a Italia sem li-
gar importancia alguma a esperas
nas estações dos caminhos de ferro,
nem a bajulações officiaes.

Usando o modesto nome de D.
Pedro d'Alcantara, chegou a Ro-
ma, tomou quartos no Hotel d'In-
ghilterra, e pedindo audiencia a Pio
IX, este concedeu-lh'a por duas
vezes, conversando muito com o
monarcha brasileiro e obsequian-
do o tanto que S. Magestade veio
encantado da recepção que o Pa-
pa lhe fez.

Ora este exemplo podia ser
imitado pelo sr. D. Carlos, diz o
tal jornal estrangeiro, mas o mal
começou logo por dar-se noticias
apressadas a proposito das suas vi-
sitas, chegando-se até a dizer
quaes as côrtes que iria visitar.
Se assim não se fizesse, o novo rei
podia imitar o seu tio-avô do Bra-
zil, e livrar-se das pedradas que lhe
foram atiradas pelos italianissimos.

C. G.

Eleição camararia

Não ha que receiar. A victoria
d'esta eleição vai forçosamente re-
cair no partido progressista.

Não nos resta duvida alguma.

Pois como é que pôde succeder
o contrario quando os regenerado-
res n'esta ultima eleição fizeram
uma figura ridicula, vergonhosa,
e tão ridicula e vergonhosa que
chegou a provocar a gargalhada?

Como é que se pôde tolerar que
o vencimento d'uma eleição onde
estão ligados os interesses e melho-
ramentos da cidade vá pertencer a
um partido que nem sequer tem
gente para constituir as assembleias
eleitoraes?

Impossivel.

FOLHETIM

COUSAS DA POVOA

Manhãzinha cedo. O ceu era d'um
azul tão doce que dava vontade de
voar pela immensidade do azul que os
astros sulcam e o sol doira.

As estrelinhas muito assustadas fu-
giam á volúpia do sol.

O aspecto da villa era calado e dor-
mente. Romeus audaciosos e felizes,
typos de trovadores medicos, pé an-
te pé, como o solícito e carinhoso en-
fermeiro que vela o somno balanceado
d'um febril entravam em casa a occul-
tas da familia.

Muito rapido, em linhas de zig-
zague como os cães famintos das al-
deias, no susto do ruido, n'uma curva
de miseria, um mexeriqueiro, gasto pe-
las licenciosidades da orgia porca e dis-
soluta, ia em caminho da taberna.

As eleições de deputados fize-
ram-se. Venceu o governo por
uma grande maioria, o que não era
para admirar, visto que todas as
listas que entraram nas urnas fo-
ram-lhe favoraveis. Nem uma
contra. Pois bem. Se o governo
venceu a eleição de deputados, vai
perder as camararias. Primeiro:
Porque a eleição de deputados foi
um insulto á Carta Constitucional
por onde se rege e governa este mal
aventurado paiz.

Segundo, porque a eleição de
deputados foi um escarro lançado
nas faces do povo.

Terceiro, porque a eleição de de-
putados foi uma farçada, um des-
douro, um desprestigio para as ins-
tituições.

Ora sendo estes pontos todos
verdadeiros, como é que se pôde
tolerar que o governo vença as
eleições camararias?

Em Braga não.

Braga, que tem sido sempre des-
respeitada pelos regeneradores nos
seus mais legitimos interesses, ha
de um dia mostrar a sua força,
mas mostral-a-há d'um modo claro
e evidente.

Mostra-a, derrotando a lista re-
generadora.

Mostra-a, afastando das cadeiras
senatorias, esses homens que se
querem apossar d'ellas d'um modo
illicito e vergonhoso.

Braga quer ser administrada por
homens sérios e dignos de toda a
respeitabilidade. E' n'isso em que
se empenha o partido progressista.
E' n'isso em que se empenha a
maioria dos habitantes d'esta eida-
de e concelho, pois que todos lu-
eram com uma administração sé-
ria, honesta e honrada.

O partido regenerador não pos-
sue estes predicados. A sua histo-
ria é muito negra, muito triste.

Porisso guerra aos regenerado-
res. Guerra sem treguas á lista que
a auctoridade vai apresentar ao
suffragio dos eleitores. Guerra aber-
ta e tenassissima á lista d'aquelles
que querem empalmar as cadeiras
camararias com aquelle cynismo,
com aquella pouca vergonha como
queriam empalmar as da meza do
Bom Jesus do Monte.

O partido progressista deu por
essa occasião um exemplo de mor-
talidade.

Repita-o agora no dia 8 de de-
zembro.

São esses os desejos de todos nós.

Lentamente, n'um despertar de sau-
de e de vigor a rua começava a povoar-
se e a aurora beneficente saudava,
com um sorriso de luz dourado os
traseantes que de largos chapéos
de palha sobre os cabellos soltos, na
mão a sacola da merenda e o braço di-
recto bambaleando-se como um pendulo
na cadencia da marcha, seguiam alegre-
mente para o trabalho trocando ditos
de grosso espirito a respeito ás novas
eleições camararias.

A sopeirada, com olheiras aniladas,
muito semelhante aos de uma noiva na
manhã immediata á do noivado, dirigia-
se a praça com o rol das compras.

Cocheiros e artistas em gaudío acom-
panhavam-n'as todos orgulhosos.

No ar começava a alegria doida das
creanças. No «Largo da Fonte», em
frente á alquiladoria do Queiroga pula-
va como feticheira, n'um sabbat, a co-
cheirada muito satisfeita pela vinda da
eleição camararia, onde os politicos de
harrigi vão dar a batalha ao Fortunati-

CHRONICA POVOENSE

LII

A tarde vinha descendo somno-
lenta e triste. O sol, como um bar-
quez pacato, cansado das lides do
dia, descansava no leito do poente.

No ceu esbatia-se o azul n'uns
deliciosos cambiantes d'um opalino
violaceo purpureando a cabeça dos
montes que recortavam o espaço.

N'esta hora de sonhos, em que
na alma se espelha nitidamente a
recordação do dia que finda, havia
como que uns fremitos de uma
molleza doce e voluptuosa.

A villa estava em gaudío.

Eu caminhava ao caso revendo
no pensamento as scenas da noute:

— As bernardimes da *quinita*, os
ciumes d'uma creança aloirada,
um d'esses besatos ideaes de fada
onde as linhas triumpham em ex-
plendores de belleza rara, lembran-
do o perfil unico e bemdito d'es-
sas *misses* de ballada. Alimentando
a esperanza de beijar os seus la-
bios, botões de rosa a sorrir, e de
reclinar a fronto no seu collo bran-
co, de uma pureza ethereal de ala-
bastro por onde descem adoravel-
mente os longos cabellos esparsos
em ondulações de ouro ardente,
como uma esteira de astros; gosar
ephemeramente essa creança que
tem a contornação radiante, a vel-
ludex seraphica e a doçura açucen-
nal e celeste d'uma virgem de Mu-
rillo; ia assim engalinhado n'um
mar de sonhos.

N'isto uma algazarra insurdece-
dora veio tirar-me d'estas divaga-
ções intimas. Alonguei um olhar
cheio de curiosidade e vi á porta
d'uma taberna, d'onde pendia um
ramo de verde louro, o Zé dos
Tascos, rubro como um tomate
maduro, carregado de vinho e tan-
talizado pelas moscas que lhe crav-
vavam no lombo os *ferros incisi-
vos*. Em volta do Zé a garotada e
meia duzia de borrachões. Um
d'elles cantava, ao som d'um ar-
monico desafinado:

*Zé dos Tascos, Zé dos Tascos
Morde como os cães damnados,
E' preciso açaimal o
Pra vivermos descansados.*

E o côro respondia com a mu-
sica do carvalho santo:

*Morra o Zé dos Tascos
O pantomineiro
Não paga a quem deve
E' um caloteiro.*

Depois respondiam todos:

*Zé dos Tascos, Zé dos Tascos
Pantagruelico otre,
Tu dizes mal de todos
A tua alma está podre.*

Albino Bastos.

nho que com uma teimosia de creança
impertinente, jura ser *releito* presiden-
te d'este malfadado municipio.

O dia avançava.

No fundo olambreado e coralino do
ceu flamejava o sol em reverberações
afogueadas de incendio. O horizonte co-
loria-se d'um mosaico luminoso, esfu-
sando arabescos d'ouro, como n'um fo-
go de artificio, golphando lavas de pur-
pura d'um vulcão aereo.

O espaço virava todo n'uma orches-
tra de luz matinal.

A burguesia ociosa, rapazes de vida
airada e certos empregadinhos, capachos
dos seus *Amos* dirigiam-se ao centro
da cavaqueira muito orgulhosos do seu
drak de azul ferrete.

Aquelles para matarem o tempo e
estes para colherem mexeriqueiros com
que podessem brindar o seu senhor a
quem obdecem como escravos submissos.

Os *habitués* começavam a affluir e,
a conversa, por entre uma contrarieda-

GUARDA JOIAS

QUANDO EU MORRER

Eu quero, quando morrer,
Archanjo de formosura,
Que no teu nevado seio,
Seja a minha sepultura.

Dos beijos que tu me deste
Como prova d'affeição,
Pego-te por caridade
Que me faças o caixão.

Das tuas tranças formosas
Da côr do oiro mais fino,
Manda fazer a mortalha,
D'casto lyrio divino.

Por tochas á cabeceira,
O' minha rosa vivace,
As luzes do teu olhar
Os brilhos da tua face.

Padres não quero, nem resas,
Nem missas, nem funeraes,
Basta, irmã das açucenas,
Os teus suspiros e ais.

Do teu pranto, meu amor,
Quero a campã orvalhada,
Um prefiro as tuas lagrimas
A' oração mais sagrada.

Albino Bastos.

O EXUL

(IMITAÇÃO)

C'os os olhos banhados de prantos ardentes
Ca marcha o proscrito em procura da morte:
Cá marcha... e seus threnos são tristes, pun-
gentes,
Não leva os seus filhos, não vae a consorte.

Por agros caminhos transita forçado,
Mostrando no rosto sensível tristeza:
Seu norte é a desdita, soffrer é seu fado,
No seu horizonte só paira a crueza.

Cangado e sem forças lá chega ao seu ermo
E páo não devisa só vé o penar:
Passados tres dias, nas palhas enfermo
Descae, quebrantado, com fome, a chorar!

De dôres cruciantes repleto seu peito,
P'la doce familia seu peito anhelante,
Passado tres dias, nas palhas enfermo
Soltou... e ouviu-se lá muito ao distante.

«Já patria não tenho, sou um desterrado;
Fugiu-m'a saude, que mal cometti?
Delicias não vejo, sou um desgraçado,
Finou-se a ventura, só pena sorri...»

«Na patria fui rico, gozei a doçura,
Esposa adorava com doce prazer,
Dos filhos fruía a virginea candara,
Aqui, no desterro, só quero morrer.»

«A vida é um peso na plaga distante
Da doce familia do meu coração;
A vida é gelena de dor cruciante
Da valsa estrangeira n'atroz solidão.»

«Na lida morada da terra adorada
Amigos eu tinha qu'a mão m'apertavam;
Comigo sorriam em doce toada,
No fel da amargura conmigo choravam.»

«No peito propicio pezar's mitigava,
No seio da esposa docuras hauria,
Dos labios das folhas sorrisos furtava,
A paz da familia ditoso fruía.»

«Aqui, sem esperanza, sem gozo e prazer
Que ao pobro proscrito seus olhos relance,
Só vivo soffrendo, só quero morrer,
Só vivo esperando qu'a morte m'alceance.»

«Então é que finda meu triste penar,
Então é que eu logro benéfica luz
Co'a morte é que eu posso no ceu adejar,
Deixar o tormento, depôr minha cruz.»

de de opiniões, começava a attingir a
nota do entusiasmo. Pausadamente
atravessavam o largo dous espias, d'es-
tes que costumam apparecer sempre
que cheira a eleições.

Os homensinhos procuravam saber
qual a chapa que os regenerados dissi-
dentes apresentam.

Uma rapariga, *typo de ama de lei-
te*, de fartos cabellos negros, lúsidios
e anelados, uma tez carminada, sobre-
saindo n'este alvor uns labios ardente-
mente coloridos, com seu tanto de espe-
sos talvez, mas graciosamente arquea-
dos e tão feitos para exprimir ternura,
entrava n'um estabelecimento onde se
ventilavam questões que passaram a
ser entre nós a ordem do dia.

A sua presença fez emmudecer os
capachos e recuperar forças para a lucta
os que como eu não temem regenera-
dores nem progressistas, se progressis-
tas existem entre nós.

A boa da sopeira, ao vêr que foi cre-
beria por uns olhares gaiatos e envolvi-

Fallou... e mui prestes o somno profundo
Velou os seus olhos fitados no ceu;
Seus ais eram tristes!... partindo do mundo,
Pensava na patria, na familia, em Deus.
A. J. G.

As vinganças do dr. Negro

IV

Que suppunha, encontrou um
descendente e crente do «crês ou
morres» no toccinho de Mafoma.
Covarde até este ponto; pois que
não podendo aniquilar a familia a
que o finado rapaz pertencia, não
temeu commetter esse attentado
como tirando a vida a quem tinha
direito de viver.

E' a realidade da fabula do «lo-
bo e o cordeiro» pois que não po-
dendo vingar-se de quem imagina-
va ter de que, vingou-se n'um co-
ração innocente, n'um rapaz hu-
milde, incapaz de pensar em vin-
gar-se, e tirando assim a um seio
de familia um membro na flôr da
idade, pois que apenas contava
17 primaveras. A sua morte prema-
tura foi premeditada e lavrada n'u-
ma loja não sei se dos... pois que
viva isalado de taes seitas. O mo-
vel do crime foi a *Inveja*.

E se assassinos ha d'esta ordem
que escapam á justiça terrena,
Deus, o Supremo Archeteto como
lhe chamam os v... ir... Deus,
infinitamente justo, não pôde dei-
xar de coroar este monstro dando-
lhe nas profundas do inferno uma
banca que renda, não alguns cen-
tos, mas uma eternidade de penas.
Deus não dorme e a fé ensina-
me a crer na sua Infinita Justiça.
O remorso n'este mundo será affa-
go dos seus crimes... a qual lhe irá
roendo até á morte o fio d'essa
existencia já meia acabrunhada e
pôdre.

Deus lhe tome responsabilidade
da vida d'este innocente.

V

Não ha criminoso algum a que
os remorsos não acompanhem até
á sua morte. E o Negro ahi
anda como o judeu errante de ter-
ra em terra, de valle em valle, de
monte em monte, rosto amarello e
mucilloso, pello estacado, sem-
blante triste, olhar sombrio e mor-
tiço, e a frente que um homem de
bem ergue sempre altiva e jovial,
elle inclina-a para o chão com o
pezo do remorso que lhe corroe a
materia craneana e que o obriga
a procurar no lodo do charco em
que sempre viveu a paga das suas
virtudes e o fim para que foi crea-

da n'uns sorrisos trocistas, ruborizou e
deu ao diabo o papel degradante que
seus amos, uns fidalgos que tem por
armas em campo de cortiça e lama,
duas linguas de jacaré, cada uma com
seu barrete de pellos de doninha, em
campo de fins, carregado de dous cas-
tellos de sangue e sobre o escudo uma
corôa de Venus, a obrigavam a desem-
penhar n'este meio todo Democratico.

Mal que se retroa a sopeira appare-
ce um individuo muito estranho antipa-
thico ao grupo:—Um Zé de Freitas.

Todos os olhares, avidos de curiosi-
dades, se dirigiam ao homensinho, em
mais audaz, reconheceu de que deu fé,
com a prespicacia praxista d'um tabel-
liário que vinha pesquisar.

(Continúa).

Albino Bastos.

do, isto é, a procurar no lodo o deus *Materia*. Esse criminoso que vagueia ahí por esses oásis tem gravado bem nitidamente o ferrete da ignominia. Os amigos desprezam a sua companhia, os parentes escarnecem-n'o, e todos, todos fazem de semelhante peste oriunda de Chandroyaddi, sem que as auctoridades tomem providencias para debellarem e expulsarem d'esta terra abençoada tão mortifero flagello.

(Continúa)

Uma historia verdadeira

Xenofonte ressuscitado

I

Cá da Thebas da Reócia, ou da Athenas da Altica, dos obscuros tempos da antiga idade, foi transportado para a rainha do *Minus* o inimilável Xenofonte, o terrível historiador incapaz de faltar á verdade e de perder o jus ao seu nome glorioso.

A sua viagem atravez dos tempos e do espaço deu assumpto a novellas e romances, escriptos com pena d'ouro, adornados com bellas concepções geniaes e aformoseados com flôres da mais sublime rethorica.

Um leu—o Xenofonte, ha pouco ainda. O seu auctor, chamando-lhe as *Vinganças do dr. Negro*, começou por se adoptar ás conveniencias da epocha e por escapar aos rigores das leis. Talhou casacas a torto e a direito, chicoteou as lombadas de miseraveis philosophos, foi o terror das professores sem hombridade e de tudo isto sahio limpinho, sem ter a lei rolheira a calir-lhe de surpresa descarregando os seus golpes certos.

Já não tanto poderão dizer os que escrevem as verdades sem pennas de pavão, os que têm o seu atheliér na rua do administrador (em hespanhol) ou o redactor do—*The Combat of Braga*—que infelizmente e para vergonha dos nossos, ainda ha pouco sentiu os rigores da lei, implacavel só para os que estão de baixo.

II

Mas a que virá Xenofonte novamente ás columnas do jornal barguez? Ainda não tinha morrido segunda vez. Quando seguia para a sua querida Grecia ouviu chamarem-n'o.

E elle, sempre prompto, ouviu o que lhe queriam segredar.

—Estás mal arranjado, exclama um.

—Olha que não ha nenhum dr. Strognof formado na universidade cisalpina que te defenda na causa esmagadora que pesa contra ti. Foste um louco, ires descobrir pôdres, quando ha uma lei que veda isso ao mais competente.

—Mas objectou Xenofonte: eu não offendi Christo, o Messias verdadeiro, o Messias digno da veneração dos homens. Logo não offendi a religião. Eu não offendi as leis do Estado, as instituições, o rei, o governo. Eu fallei inigmaticamente, romanticamente, pintei scenas que se passaram para cá de Castrolaboseirogwood, Espinhobitch, proximo da Falperrastrasburg, lá na Siberia portugueza. Portanto, como poderei eu ser in-

cluido no numero dos infractores da lei? Além d'isso a minha resurreição deu-me forças e poderes para desaparecer no meio dos vivos porque não tenho corpo real mas sim apparente. E se ressuscitei foi porque um Lourenço troyano, victima de um falso Messias, me pediu que viesse ao mundo dos possiveis stigmatizar o procedimento do seu verdugo.

Portanto tendo cumprido a promessa solemne que fiz no Olimpo, para lá volto esperando não importunar mais os leitores do «*Combate*» que de certo poucos desejos terão de comunicar com a linguagem dos mortos.

Xenofonte.

O «Cartista» deputado!

Não se riam. E' um facto verdadeiro. O «*Cartista*», esse rapaz *sympathico* que todos nós conhecemos, vai ser o nosso representante em côrtes!

A sua votação foi a mais satisfatoria que se podia imaginar. 15 votos! Acham ponco? Um deputado catholico apresentado pelo circulo de Vianna, teve 18! Foi o dr. Pedroso.

Além do «*Cartista*» também se propozeram o «*Casadinho*» e o «*Caldo d'Unto*» que apenas tiveram um voto cada um.

Por essa razão ficou eleito o dr. «*Cartista*» e cremos bem que sua exc.^a se desempenhará cabalmente do lugar para que foi nomeado. Os nossos affectuosos parabens ao neophito deputado, distincto orador taberneiro.

O Bico «Auer»

Do digno representante, n'esta cidade, d'este modernissimo systema de illuminação, sr. Antonio Gonçalves, recebemos dois annuncios que publicamos na respectiva secção.

A falta de espaço obrigou-nos á ultima hora retirar a apreciação que tinhamos feito a esta luz que tão bom resultado está dando.

Ao sr. Gonçalves pedimos desculpa e promettemos as nossas referencias no numero proximo.

Antonio José Pereira de Magalhães

Passou na terça-feira ultima o anniversario natalicio d'este nosso respeitavel e velho amigo, digno administrador substituto d'este conselho.

Por este motivo apresentamos a sua exc.^a as nossas sinceras e cordaes flicitações.

Anniversario Natalicio

O nosso mui dedicado amigo, sr. José Julio Moreira, digno professor de desenho do nosso Lyceu, festejou hontem o seu anniversario natalicio.

Os nossos affectuosos parabens, sr. *Antone*.

Dos amigos nunca nos esqueceremos.

Fallecimento e disposições testamentarias

Falleceu domingo, ás 2 horas da tarde, na sua casa da rua de S. Victor, o sr. commendador Antonio Baptista Gonçalves, capitalista, sogro dos srs. dr. Antonio Baptista Lopes e Francisco José d'Araujo.

Deixou testamento do qual extractamos as seguintes disposições:

Nomeia universaes herdeiros seis filhos que lhe ficaram de sua primeira esposa, D. Antonia Violanta

de Mello Gonçalves, que são D. Carlota Baptista d'Araujo, D. Amélia Baptista Bastos, D. Amalia Baptista da Rocha, Adolpho Baptista Gonçalves, Antonio Baptista Gonçalves Junior e D. Laura Baptista Gonçalves.

Nomeia testamenteiros, em Portugal, seus genros acima mencionados e o commendador Antonio José de Souza Lima, da cidade do Porto, e na capital dos Estados Unidos do Brazil seus filhos Adolpho e Antonio e seu genro dr. Alfredo Bastos.

Deixa aos quatro filhos Adolpho, Antonio, Amélia e Laura, para differença no cambio na compra de apolices para equiparar nas legitimas, 1:000\$060 rs. a cada um.

A seu filho Adolpho o seu botão de ouro com brilhante.

A seu filho Antonio um anel com brilhante.

Ao genro dr. Antonio Baptista Lopes o seu relógio de ouro com cadeia e medalha.

A sua irmã Maria Luiza e marido José Luiz d'Araujo, da freguezia de Monsul, lega, emquanto vivos sôrem, o usufructo do campo da Fonte, que trazem de arrendamento. Deixa mais a este seu cunhado e mulher, qualquer quantia que lhe estejam devendo ao seu fallecimento, em reconhecimento dos seus serviços.

A' Senhora do Allivio, da freguezia de Soutello, 49\$500 rs. para obras.

Ao Bom Jesus do Monte, 250\$000 reis.

A' Senhora do Sameiro, 250\$000 rs.

Ao Monte-Pio dos Artistas, 100\$000.

A' Senhora de Guadalupe, 250\$000.

Ao Asylo de Mendicidade, 200\$000.

Ao collegio da Regeneração 200\$000 reis.

A' conferencia de S. Vicente de Paulo 100\$000 reis.

A' Officina de S. José 250\$000 rs.

A' camara municipal de Braga, reis 1:600\$000 em inscripções, e informe a escriptura de 26 de novembro de 1888.

A cada afilhado, que apresente certidão do baptismo, 49\$000 rs.

A cada creado, que estiver ao seu serviço por occasião do fallecimento, 9\$000 rs.

Aos parochos da freguezia de Pedralva (terra da sua naturalidade) e de S. Victor, 40\$000 rs. a cada uma, para distribuir em esmolas de 1\$500 rs. a 25 familias e mendigos das ditas freguezias.

A' junta de parochia, de Pedralva, 1:800\$000 rs. com obrigação de uma missa nos domingos e dias sanctificados, applicadas por sua alma, pela de seus paes e parentes.

O testador era casado em 2.^a nupcias com a sr.^a D. Carolina Girão e declara que, se ao tempo do seu fallecimento ella habitar n'algum dos seus predios, não será d'elle despedida senão no tempo proprio; em 29 de setembro, podendo retirar d'elle somente os moveis e objectos que pertenceram a sua esposa, ratificando os artigos da escriptura anti-nupcial de 2 de agosto de 1889, feita nas notas do tabellião Pedro de Castro, do Rio de Janeiro, afim de se cumprir o que n'ella se acha estipulado.

Todos os legados serão satisfeitos em moeda forte, por uma só vez, livres de contribuição e no prazo de 18 mezes.

Teve officios funebres na capella da Senhora-a-Branca.

Pezames á familia dorida.

Politica em scena

A politica, essa relaxada prostituta, não ha sitio algum, por mais afastado que seja, onde se não encontre.

Agora deu-lhe na mania e foi até á junta dos repartidores e ahí fez espalhafatos de tres em pipo.

Ora querem vêr? O sr. Francisco Augusto Pereira, o *Sete Mantinhas*, desejando que as suas contribuições baixassem do nivel res-

pectivo, empenhou-se com a sua politica—se é que a tem—e pode conseguir que o seu gremio, que era de 21\$000 reis, viesse para 14\$000! Ora isto, segundo o nosso apoucado entendimento, não é justo.

Pois como é que o sr. *Sete Mantinhas* deve pagar 14\$000 reis, e o sr. Manoel Custodio da Silva, exercendo a mesma industria e com o mesmo numero de officiaes, passou a pagar 20\$000 reis?

Já sabemos. O *Sete Mantinhas* é politico e os seus trabalhos devem ser recompensados; mas o sr. Custodio da Silva que trata da politica da sua casa, pois que é essa que lhe dá interesse, collecta-se em mais do que aquillo que deve ser! Sempre a politica é muito vingativa!

Pois porque é que as collectas não devem ser eguaes, visto que ambos têm a mesma industria e os mesmos officiaes?

Se o sr. Custodio da Silva andasse por ahí, rua em fóra, saca e chapu na mão a pedir votos para esta ou aquella eleição, não era collectado em tanto, ou até em nada.

Mas como se fecha em copas e deixa zoar a carvalheira, arre para aqui, pague e não bufe.

E' o que se vê. O *Sete Mantinhas*, que é um grrrande politico, (sem offensa ao alcaide menor), allivia-se da pena; ao outro, salte para as profundas dos infernos.

Se quer compartilhar das graças que a politica faz aos outros, trabalhe, considere-se politico.

Do contrario soffra as consequencias.

São as leis politicas com os seus respectivos paragraphos.

Apontaremos mais escandalos.

A comissão promotora do jantar commemorativo da data gloriosa de 1640, declara para todos os effeitos que nada tem de commum com uma outra comissão que por ahí anda a angariar donativos para os festejos rurais.

Outro sim se declara que o jantar é pago unica e exclusivamente pelos academicos que n'elle tomam parte.

Esta declaração vai com vista a alguém que pretende caluniar a academia.

A comissão — Presidente — Augusto Freitas de Carvalho — Thesoureiro — Francisco Carneiro — Vogaes — Americo Barbosa, Alfredo Ferreira e Pereira da Cunha.

ANNUNCIOS

BICO AUER

CERTIDÃO

Logar de uma estampilha do imposto do sello do valor de cem réis legalmente inutilizada.

Jacinto Ignacio Cabral, Commendador da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, engenheiro, chefe de secção da propriedade industrial, etc.

—Certifico, em virtude do despacho retro, que não consta n'esta Repartição que a patente de invenção, numero mil cento e vinte sete, de seis d'Abril de mil oito centos oitenta e sete, concedida por

espaço de quinze annos a Carl Auer von Welsbach, para accesorio para augmentar a força das luzes do gaz, tenha caducado.—Do que, para constar, se passou a presente certidão, que vai assignada por mim e sellada com o sello branco d'esta Repartição.—Repartição da

Industria em vinte e seis de Outubro de mil oito centos noventa e cinco.—Jacinto Ignacio Cabral.—

Pago de emolumentos e imposto addicional quinhentos e sessenta réis.—Em vinte e seis de Outubro de mil oitocentos noventa e cinco, como consta do recibo numero cincoenta e dois, de vinte e seis de

Outubro de mil oito centos noventa e cinco.—Jacinto Ignacio Cabral.—

Pago de emolumentos e imposto addicional quinhentos e sessenta réis.—Em vinte e seis de Outubro de mil oitocentos noventa e cinco, como consta do recibo numero cincoenta e dois, de vinte e seis de

Outubro de mil oito centos noventa e cinco.

Pelo chefe de Repartição J. Cabral.—Logar do sello branco do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, Repartição da Industria. (111)

BICO AUER

A Societé Anonyme pour l'Incandescence par le Gaz (systeme Auer) au Portugal, tendo visto uma faufarronada da firma Nusse & Bastos, do Porto, contra quem tem pendente uma acção de contravenção, julga de seu dever elucidar o publico sobre o seu valor.

A Societé, possuidora d'uma patente de invenção concedida pelo portuguez e pela qual deu, em boa fé, uma avultada somma de dinheiro, achou-se lesada nos seus direitos pela referida firma. Recorreu aos tribunaes em legitima defeza dos seus direitos, e, como a lei lhe facultta, requereu o arresto dos objectos contrafeitos, arresto que eucionou, que se fez nos depositos da dita firma, e QUE AINDA SUBSISTE E SUBSISTIRÁ.

Sabendo que por ardis menos honrosos um contrafactor, mudando o seu deposito pôde continuar a sua «concorrenca desleal», e o seu «commercio illicito», requereu que no mesmo processo se continuassem as diligencias do arresto aonde quer que as contrafacções apparecessem.

O dignissimo juiz entendeu que no mesmo processo se não podia arrestar os artigos senão no local primeiro indicado; e o tribunal da Relação (pelos tres senhores juizes de elle, que fizeram vencimento) segue a mesma doutrina.

E' uma questão de praxe que se traduz em augmento de custas e nada mais.

O resultado é que a Societé terá de intentar processos e requerer arrestos em cada local aonde os artigos contrafeitos apparecerem, em vez de se limitar ao processo unico contra a firma Nusse & Bastos, a verdadeira culpada, como aliás desejava para não incommodar os que incautamente partilham a responsabilidade da firma arguida, e de quem ella se ri.

Quanto á Societé Anonyme Belge e ás falsidades que essa firma emitta a seu respeito, porque não tem cá quem a chame a contas, a aleivosia é manifesta na diligencia que a dita firma faz de illudir o publico, procurando com a similhaça do estylo social, induzil-o no erro de que a Societé «au Portugal» é identica com a Societé Belge. Isto mesmo quando houvesse uma particula de verdade nas calumnias.

E' agente da Societé, em Braga, o sr. Manoel Antonio Gonçalves—largo da Lapa, n.º 1. (112)



MACHINAS DE COSTURA
DA
COMPANHIA FABRIL
SINGER

Chama-se a attenção do publico para as 7 classes especiaes de machinas de costura que estão expostas á venda:

- Machina de Lançadeira Vibrante
- Machina de Lançadeira Oscillante
- Machina de Bobine Central
- Machina de ponto de Cadeia
- Machina Giratoria
- Machina Cylindrica
- Machina de Cascar.

São estas as machinas de costura que pela sua solida construcção e bellissimo ponto que fazem, tem conquistado a maior popularidade e acceitação em todas as partes do mundo, onde se encontram estabelecidos os depositos das machinas da Companhia Singer, de Nova-York.

Para facilitar a compra d'estas boas machinas, acceitam-se machinas velhas de todos os systemas em troca, sendo estas machinas inutilizadas á vista dos compradores.

A prestações de 500 REIS SEMANAES e a prompto pagamento com grande desconto.

64-PRACA DO BARÃO DE S. MARTINHO-BRAGA-67

E em todas as cidades, villas e povoações importantes de Portugal aonde se acham estabelecidas casas para a venda d'estas machinas. (47)

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA LISBONENSE

Deposito de papeis da importante fabrica de Ruães

OFFICINA DE FOLLES E TORNEIRAS DE PAU

Commissões e consignações

DE

ANTONIO JOSÉ LISBOA

RUA DA PONTE — S. JERONYMO — BRAGA

Grande deposito de papeis nacionaes e estrangeiros, taes como: almagos, finos, de todas as qualidades, proprios para escripta e repartições publicas, impressões de jornaes e obras de luxo, sendo estes cortados no formato que o freguez desejar.

Completo sortido de livros em branco, proprios para escripturação commercial, artigos de escriptorio e desenho; variadissimo sortimento de papeis de embrulho de todas as qualidades; deposito de tintas nacional e franceza da acreditada casa N. Antoine & Fils, e grande diversidade de artigos pertencentes a estabelecimentos de papelaria.

Faz-se toda a qualidade de impressões e obras de livros, simples e de luxo, imprimindo-se em preto, cores, ouro e prata, e tudo quanto diz respeito á arte typographica, por preços sem competencia.

Compra sarro e borras de vinho, trapo branco e preto de linhagem, cotins, chitas e lã velha, papeis velhos e aparas de livros; metaes velhos como sejam latão, cobre, zinco e chumbo.

Officina de folles de todos os systemas, á portugueza e ingleza, proprios para oúvres, ferreiros, engenharia e forjas volantes; ditos de enxofrar até á altura de 100 palmos, sendo o proprietario de esta casa o seu primeiro inventor.

Officina de torneiras de pau e de chifre, systemas do Porto ou Minho; eanellas de todas as qualidades proprias para teares de cotins, toalhas e riscados, bocas para borrachas, etc., etc.

Deposito de sabão e vellas de sebo da importante fabrica a vapor de Braga, pelos preços correntes da fabrica.

Faz-se toda a qualidade de carimbos de metal e borracha, datadores fac. similes com armas e emblemas, calendarios de mão relógios carimbos lisos e lavrados, medalhas carimbos polyanço, machina rapida redonda, quadrilonga, reproduzidas de gravuras especies sobre: madeira, em cobre, galvanoplasta-monogrammas, letras simples e de phantasia, gravuras em todo o genero.

Carimbos de borracha com toda a nitidez e perfeição de 360 e 95000 rs.

A Papelaria Lisbonense é incontestavelmente a mais antiga e importante do Minho, e a unica que dentro do seu estabelecimento possui ou tem officinas de folles e torneiras de pau.

O proprietario d'esta casa está pois habilitado, tanto em preços como em variedade de artigos, a competir com as principaes casas do Porto.

Endereço telegraphico — Papelaria Lisbonense — S. Jeronymo, Braga (1)

ARMADOR DA CASA REAL

JOSÉ PEREIRA DA CUNHA

Rua do Souto—BRAGA

N'este vastissimo atelier encontram-se todos os aprestes proprios para festividades de gala e fúnebres, e onde se executam todos os trabalhos do melhor gosto.

E' inquestionavelmente o melhor estabelecimento no genero e os honorarios são os mais modicos relativamente aos trabalhos que se costumam exhibir.

AO ARMADOR DA CASA REAL (2)

Carimbos de Borracha
FAZEM-SE NITIDOS E PERFEITOS
PREÇOS MODICOS

ENCOMMENDAS para as provincias, satisfazem-se na volta do correio e para esta cidade com 5 horas de demora.

Com esta brevidade, qualquer pessoa que tenha de vir ao Porto, ainda mesmo que tenha de voltar no proprio dia, pode levar consigo qualquer carimbo que deseje.

Encommendas da provincia não se executam sem prévio pagamento ou responsavel n'esta cidade. Não se mandam amostras sem que mandem 50 rs. em sellos.

FERREIRINHA & FILHO

130—Rua de Passos Manoel—132
PORTO (79)

COMPANHIA DE SEGUROS GARANTIA
DO PORTO

AGENTE EM BRAGA

Manoel Antonio Gonçalves

Largo da Lapa

Esta companhia, uma das mais antigas, mais solidas e mais acreditadas do paiz, toma o risco de incendios sobre predios, moveis, prata, ouro, pedras preciosas e outros artigos congeneres. (44)

Manuscripto á venda:

Na Rua das Aguas em Braga, n.º 146, vende Lopes da Cunha por 4\$500 rs. o manuscripto seguinte, em 4.º, boa letra, brochura antiga:

«Dannos do Mondego nos Campos de Coimbra e seu remedio».

Começa assim: «Depois que o Mondego lavr a cidade de Coimbra, &c.»

E acaba por este modo:

«Coimbra 13 de 9br.º de 1790».

«Estevão Cabral».

A Bordadora

(Album de letras e debuxos para bordar)

Preço 600 reis

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia á Agencia Bordadora, rua do Monte Olivete, n.º 23 — LISBOA

Aos Caçadores

Na casa de ferragens de SANTOS & C.ª, no largo de S. Francisco n.º 10 a 12. (antigo largo dos Terceiros), encontra-se um variado sortido d'aprestes para casa, taes como: espingardas, saccas, cartuchos, etc., etc., que vendem pelos preços da CASA LINO do PORTO.

Encarregam-se do concerto de qualquer espingarda, tendo para isso artistas competentes. (6)

Livros Classicos e Ecclesiasticos em 2.ª mão:

Vendem-se ás tardes na rua das Aguas, n.º 148. (11)

EDITOR RESPONSÁVEL
EDUARDO MENEZES.

Braga—Imprensa Gratidão
Rua de S. Marcos, 43.

AO RESPEITAVEL PUBLICO
DECLARAÇÃO

Almeida Maia, proprietario do RESTAURANTE MAIA na Rua de S. Marcos, declara ao respeitavel publico, que mudou o seu Restaurante para a Rua de S. Vicente, n.ºs 9 a 13, onde se acha installado o HOTEL BOA LUZ: declara igualmente, que acabou de lhe fazer grandes reformas e muitos melhoramentos.

Ahi pede e espera o Declarante continuar a merecer do respeitavel publico em geral, e dos seus dedicados amigos em particular, a frequencia a este estabelecimento de hospedagem, em que tem pessoal escolhido, além de bom cosinheiro.

Os preços da casa são altamente modicos.

O mesmo proprietario declara ao respeitavel publico, que vai abrir o seu Hotel nas Caldas do Gerez, denominado HOTEL CONTINENTAL DO MAIA; tendo logar essa abertura no dia 1 de Maio, onde tambem espera merecer a preferencia dos seus dedicados amigos.

Este seu Hotel é o que tem melhor collocação local n'aquellas thermas afamadas, e unicas da sua especie n'este nosso paiz.

Braga, 21 de Março de 1895.

(89)

MACHINAS
WHITE
DE COSTURA

A mais leve

A mais solida

De todas as machinas de costura até hoje conhecidas

A mais duravel

A mais rapida

A 300 REIS SEMANAES — Grande desconto a prompto pagamento

Continuam a receber-se machinas de qualquer systema em troca das nossas machinas

WHITE

Grande sortido de peças e accessorios para machinas de costura de todos os systemas.

São estas machinas as unicas que têm grangeado a mais completa e desejada acceitação em todas as partes onde se encontram estabelecidos os seus depositos.

Para facilitar a sua compra acceitam-se em troca machinas velhas, as quaes serão inutilizadas na presença dos srs. compradores.

Os nossos agentes em Portugal—M. M. C. Bastos & C.ª

336, Rua do Mousinho da Silveira, 342 — PORTO

FILIAL--74, LARGO DO BARÃO DE S. MARTINHO, 77
BRAGA (35)

GRANDE ARMAZEM DE PAPEIS PINTADOS
CARVALHO & C.ª

6—L. DOS TERCEIROS—7—BRAGA

Completo e variado sortimento de papeis para forrar salas e cercaduras relativas, dos mais modernos padrões e gostos, aos preços de 60 rs. até 2\$000 rs. inclusivé por peça, tanto nacionaes como estrangeiros.

Tem annexo um bom e completo sortido de drogas e tintas para pintura, vernizes das melhores marcas até hoje conhecidas, cimento de 1.ª qualidade, alvaiadas genuinos, e, tudo o que diz respeito aos ramos de commercio que vêm de annunciar.

A primeira casa d'este genero, na provincia do Minho.

Satisfaz encommendas para toda a parte.

CARVALHO & C.ª

6 — L. DOS TERCEIROS — 7

BRAGA

(27)